

CIES e-Working Paper N.º 209/2017

**FESTA, RELIGIÃO E CIDADE ENTRE BRASIL E PORTUGAL:
OLHARES PARTILHADOS**

Léa Freitas Perez

CIES e-Working Papers (ISSN 1647-0893)

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE, 1649-026 LISBOA, PORTUGAL, cies@iscte.pt

Léa Freitas Perez é Professora Titular do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, coordenadora do Centro de Estudos da Religião Pierre Sanchis/CER-Pierre Sanchis/UFMG, professora residente no Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT)/UFMG e pesquisadora do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

Resumo

O texto apresenta uma espécie de compte rendu das atividades do Centro de Estudos da Religião Pierre Sanchis (CER-Pierre Sanchis), fundado em 2000 e vinculado ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ao abrigo de um protocolo de colaboração e de intercâmbio entre o ISCTE-IUL, pelo Centro de Investigações e Estudos de Sociologia (CIES) e a UFMG, pelo CER-Pierre Sanchis. Foi apresentado na forma de workshop no CIES, em 22 de fevereiro de 2017.

Palavras-chave: colaboração e intercâmbio; festa, religião e cidade; olhares compartilhados; Brasil e Portugal.

Abstract

The text presents a somewhat of a compte rendu of the activities of the Center of Religious Studies Pierre Sanchis (CER-Pierre Sanchis), funded in 2000 and linked to the Department of Sociology of the Faculty of Philosophy and Human Sciences at Federal University of Minas Gerais (UFMG). These activities took place under a collaboration and exchange protocol among ISCTE-IUL via the Center of Investigations and Sociology Studies (CIES) and UFMG via CER-Pierre Sanchis. It was presented as a Workshop from CIES in February 22nd, 2017.

Keywords: collaboration and exchange; festival, religion and city; Shared views; Brazil and Portugal.

Festa, religião e cidade entre Brasil e Portugal: olhares partilhados¹

Antes do mais quero dizer que é uma alegria voltar ao Centro de Investigações e Estudos de Sociologia (CIES) para um *Workshop*, depois de quase seis anos. No primeiro, ocorrido em 11 de novembro de 2010 apresentei o trabalho “Passos de uma pesquisa nos passos das procissões lisboetas”, que foi publicado como CIES *e-Working Paper* n.º 101/2010 (<http://www.cies.iscte.pt/wp.jsp>).

O texto apresenta uma espécie de *compte rendu* das atividades do Centro de Estudos da Religião Pierre Sanchis (CER-Pierre Sanchis), fundado em 2000, e vinculado ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) ao abrigo de um protocolo de colaboração e de intercâmbio entre o ISCTE-IUL, através do CIES e a UFMG, através do CER-Pierre Sanchis.

O CER-Pierre Sanchis foi criado de uma maneira muito especial. A convite do professor Carlos Alberto Steil da Universidade Federal do Rio do Sul/UFRGS, meu colega de UFMG, Alexandre Cardoso e eu, passamos a integrar o projeto de pesquisa interinstitucional, que reuniu um *pool* de pesquisadores de universidades brasileiras públicas e privadas, “Religião e política entre alunos de Ciências Sociais”. A própria ideia do projeto já era em si mesma original, uma vez que se propunha a revisitar a pesquisa de 1994, feita pela professora Regina Novaes, “Religião e política: sincretismo entre alunos de Ciências Sociais”, realizada no âmbito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O grupo da UFMG foi o único a introduzir uma variante na pesquisa, de cariz comparativo, enfocando dois cursos de graduação, Ciências Sociais e Comunicação.

Como sói acontecer nesse nosso mundo académico complicado, não tínhamos nenhum tipo de financiamento, o que nos motivou ainda mais. Contamos com a ajuda inestimável de um grupo de estudantes, que trabalharam graciosamente.

A experiência foi académica e humanamente tão enriquecedora e transformadora que dela surgiu a fundação do CER-Pierre Sanchis e logo, na sequência, o projeto “Religião, política e cultura entre a juventude de Minas Gerais”, desenvolvido em conjunto com Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) com os colegas e amigos mui queridos Fátima Tavares e Marcelo Camurça. Para este

¹ Este Working-Paper é o resultado da apresentação do Workshop de Investigação do CIES-IUL realizado em 22/02/2017 e que contou com a participação de Rudney Avelino de Castro, bolsista de apoio técnico à pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e pesquisador do Centro de Estudos da Religião Pierre Sanchis, que elaborou o *power point*.

projeto, felizmente, obtivemos verba da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG)².

Os resultados de ambas as pesquisas foram amplamente divulgados em eventos acadêmicos e vários artigos foram publicados. O destaque fica, entretanto para duas publicações, a saber:

1) Revista Debates do NER, n. 2, de 2001, onde são apresentados os dados da primeira pesquisa.

2) Livro *Ser jovem em Minas Gerais. Religião, cultura e política*, editado em 2009, e organizado por Fátima Tavares, Marcelo Camurça e por mim (Perez et al., 2009), onde são apresentados os dados da segunda pesquisa. Este livro encontra-se na biblioteca do ISCTE-IUL.

Mas antes de avançar não posso deixar de dizer algumas poucas palavras sobre Pierre Sanchis, nosso mestre e inspirador. Para tanto uso um pequeno trecho de um texto que sobre ele escrevi e que se encontra em meu mais recente livro *Viagens textuais. Da escritura da experiência na experiência da escritura* (Perez, 2016). Este livro encontra-se na biblioteca do ISCTE-IUL.

Joseph-François-Pierre Sanchis, nascido em Perpignan, França, em 16 de dezembro de 1928, dia de São Ananias, sob o signo de sagitário, é formado em Teologia, pela Universidade de Estrasburgo (1954). Dedicou-se durante algum tempo ao estudo da literatura cristã dos primeiros cinco séculos. Seu *Mémoire* para obtenção do *Diplome* da então *École Pratique des Hautes Études, V^e section (Sciences Économiques et Sociales)* foi “*Liturgie en conserve et liturgie vivante. Le cas de la Missa do Morro, Brésil*”, e nele trata as repercussões, na sociedade baiana, de uma mudança na expressão musical da liturgia católica.

Depois de ter seguido, em 1971, o Curso Superior de Língua e Civilização da Universidade de Lisboa, realizou várias pesquisas em Portugal. Entre as mais importantes, contam-se a realizada em 1972 sobre as repercussões do fenómeno da emigração numa aldeia da Beira Baixa e a realizada, em 1973, sobre a religiosidade popular, as festas e as romarias portuguesas. A primeira, resultou na dissertação de mestrado em Antropologia, defendida em 1972, na *Université de Paris VII, Unité d'Enseignement et de Recherche d'Anthropologie, Ethnologie et Science des Religions*; enquanto a segunda, resultou na tese de doutorado

² Uma das características que julgo mais interessantes dos projetos de pesquisa, bem como de minhas atividades de ensino e de extensão, que desenvolvi e desenvolvo, ao longo de mais de 30 anos de vida académica é provirem uns dos outros, como das refrações uns dos outros, operando, seja como uma ampliação, seja como particularização, do escopo uns dos outros, numa sequência de discussão, mas sem ser necessariamente uma continuidade linear.

defendida em 1976, na *École Pratique des Hautes Études/Université de Paris X* sob o título “*Arraial, la fête d'un peuple. Les pèlerinages populaires au Portugal*” (Sanchis, 1997a).

De volta ao Brasil, em 1976, quando se tornou professor de antropologia na UFMG, o campo religioso continuou sendo o seu terreno privilegiado de pesquisa. Pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), membro da diretoria e presidente do Instituto de Estudos da Religião (ISER), Rio de Janeiro, foi também coordenador no ISER do Grupo de Estudo do Catolicismo, mais tarde denominado de Grupo de Estudo do Sincretismo.

Realizou pesquisas sobre o catolicismo popular, as romarias mineiras, a renovação litúrgica do ponto de vista etno musical, as relações entre religião e política, uma possível religião civil no Brasil, as relações da igreja com o estado brasileiro, especialmente com o exército, e sobre o movimento negro católico.

Em 1991, fez pós-doutorado no *Groupe de Sociologie des Religions do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)*.

Mais recentemente, abordou a globalidade do campo religioso brasileiro na sua relação com a modernidade, com as inculturações e com o sincretismo.

Aposentado como professor da UFMG, em 1997, recebeu o título de professor emérito dessa universidade em 1999.

O texto original de sua tese de doutoramento foi publicado, em 1983, pela editora portuguesa Publicações Dom Quixote (Sanchis, 1983), na coleção Portugal de perto. Mais à frente vou falar nisso mais um pouco, pois tem a ver com o trabalho desenvolvido entre o ISCTE-IUL e a UFMG. Uma segunda edição foi feita em 1992. Em francês, foi publicado, em 1997, pela editora da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, na coleção *Recherches d'histoire et de sciences sociales*.

Para Claude Lévi-Strauss, a antropologia é uma vocação, “uma das raras vocações autênticas”, uma vez que “podemos descobri-la dentro de nós mesmos sem nunca a termos aprendido” (1981, p. 49). Nada mais apropriado para caracterizar a atuação de Pierre Sanchis como antropólogo. Catalão de origem, desde cedo viveu a alteridade e as possibilidades de trânsito entre diferentes códigos culturais. O encontro, a descoberta e a compreensão do outro, do diferente, são dados a ele desde a sua mais tenra infância e trabalharam na direção de aguçar a sua curiosidade, levando-o ao exercício do ofício. Ofício que o impulsiona a trilhar tal como um peregrino em romaria ou um estrangeiro em viagem “os sendeiros, atalhos e encruzilhadas” da vida em sociedade, nas “tramas” da história.

Pierre Sanchis tornou-se um “antropólogo brasileiro” após peregrinar pelas procissões portuguesas, muito embora nunca tenha deixado de ser um francês, *bien sûr*.

Como os grandes antropólogos – *et pour cause* –, Pierre é, simultaneamente e a um só tempo, desenraizado, viajante atento, “pesquisador de nascentes, armado de sua vareta”, como ele mesmo se declara, nos guiando através de suas instigantes análises do universo religioso pelos diferentes e diversos mundos culturais que compõem a vida em sociedade.

Em *Arraial*, obra magistral, e através da análise das romarias portuguesas, guia-nos no desvendamento, na “espessura da história”, de como e de que modo uma sociedade constrói um discurso essencial sobre si mesma, com todas as tensões, conflitos e ambiguidades que lhe são inerentes e constitutivas. Nele vê-se, em toda sua pujança, o antropólogo dialogando com a história, articulando sincronia e diacronia, o evento e a estrutura, a tradição e a modernidade, as representações e as práticas. Aí já estão todos lançados, em um sólido humus fertilizante, os temas que definem sua antropologia, da qual somos todos, de um modo ou outro, tributários: articulação de sentidos, razão dialógica e perspectiva dialética.

Arraial é uma prova cabal de como é possível o exercício escrupuloso do ofício. Através dele, vemos realizar-se em toda sua plenitude a antropologia tal como definida pelo historiador Alphonse Drupont e citada por Pierre na conclusão do livro: “A antropologia, se o espetáculo lhe pertence como atelier das tensões em ato, deve atingir os bastidores, lá onde a oposição se dissolve na consciência elementar de um comum destino, sejam quais forem as representações mais ou menos elaboradas, uma idêntica certeza dos fins últimos” (Drupont *apud* Sanchis, 1997a, p. 400).

O mestre tem uma quantidade enorme de artigos publicados, muitos deles seminais para a reflexão sobre religião, catolicismo, sociedade brasileira e seu modo sincrético de ser e de estar no mundo. Com meu caro colega e amigo Mauro Passos estou a organizar um livro, sob a forma de coletânea, com alguns desses textos de Pierre, notadamente aqueles que enfocam mais particularmente as relações entre a religião e a dita cultura brasileira, que esperamos venha à luz ainda este ano.

Para finalizar, permito-me aqui repetir uma nota de cunho pessoal, que tive a felicidade e a honra de publicamente enunciar aquando de sua nomeação como professor emérito da UFMG. Para traduzir Pierre Sanchis e sua antropologia, só mesmo Marcel Mauss: “No fundo são misturas. Misturam-se as almas nas coisas; misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e é assim que as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca (Mauss, 1977, p. 71). *Cher maître, merci. Merci pour tout! Merci à la vie!* A você todo o meu carinho e toda minha gratidão.

Passemos agora a uma rápida apresentação do núcleo duro de minhas obsessões intelectuais, ou seja, de meus campos de atuação e de reflexão, que podem ser expressas em dois eixos justapostos, ou melhor, refratados um no outro.

1) A coimplicação genealógica e estrutural entre festa, religião e cidade, tomadas como três formas fundamentais de ligar, três formas eminentes de socialização, por intermédio das quais se realizam a troca e a comunicação, dois fundamentos essenciais da experiência humana em coletividade.

Ligação/comunicação com os afetos e com as emoções (comunidade afetiva, leia-se festa), ligação/comunicação/troca com o sagrado e com os deuses (comunidade de crenças e de fé, leia-se religião), ligação/negociação com os deveres e com as obrigações (comunidade política, leia-se cidade).

Uma reflexão detalhada das relações entre festa, religião e cidade, apresento em meu livro *Festa, religião e cidade. Corpo e alma do Brasil*, de 2011, que também se encontra na biblioteca do ISCTE-IUL. Falo mais adiante um pouco mais sobre, pois que também se relaciona com as relações de cooperação entre o ISCTE-IUL e a UFMG.

2) A escritura do texto, seus regimes de enunciação e de textualização, a partir do suposto que um texto é, como prática textual (experiência da escritura) e como ordem do discurso (escritura da experiência), expressão textualizada de uma cultura e de sua época. Meu mais recente livro, já mencionado é um produto desse campo.

Vejamos então os projetos de pesquisa articulados ao primeiro campo, pois são aqueles mais diretamente envolvidos com as relações entre Brasil e Portugal.

1) “Cartografia das festas em Minas Gerais: por seus viajantes e cronistas”, desenvolvido entre 2003 e 2009.

O projeto contou com a participação de alunos do curso de ciências sociais da UFMG, que tiveram bolsas de iniciação científica do CNPq, da FAPEMIG e da UFMG. Foram eles: André Tavares dos Santos, Rafael Barros Gomes, Marcos da Costa Martins, Júlia Goyatá e Ana Paula Lessa Belone. Todos eles se tornaram pesquisadores do CER-Pierre Sanchis.

Contou com auxílio financeiro da FAPEMIG.

Teve como objeto as festas religiosas (expressões mais tradicionais e características do fenómeno festivo) em Minas Gerais (espaço privilegiado do florescimento da festa barroca, uma das mais influentes matrizes da cultura da brasileira) no século XIX, tal como vistas, descritas e analisadas por viajantes e cronistas que estiveram na região, sobretudo na zona mineradora.

Através da análise dessa configuração festiva intentava-se compreender a carnavalização (leia-se barroquização) não somente como visão de mundo, como *ethos*, mas

também como forma de vida (Bakhtine, 1990), remetendo, assim, diretamente às rochas sob as quais foram erigidos os fundamentos civilizacionais do Brasil.

Estudar a festa à brasileira, em sua configuração em Minas Gerais, possibilitava uma significativa chave de compreensão do que faz, para usar os termos de DaMatta, o Brasil, Brasil.

Tratava-se, assim, de uma proposta de trabalho que se situa metodologicamente no gênero antropológico “etnografia histórica” (Sahlins, 1994), que se propunha a realizar uma cartografia, ou seja, um trabalho de reflexão acerca da constituição de um esquema cultural, da organização da sociedade em termos de sentido, “como isso veio a ocorrer”, nos termos de Boas.

Dele nasceram monografias de bacharelado em ciências sociais, artigos que foram publicados e um capítulo de livro.

Um dos resultados mais importantes do projeto foi a constituição de um banco de dados sobre as festas mencionadas pelos viajantes. Com base nesse banco de dados, em 2016, pelo Edital 2014 da Lei Municipal de Incentivo à Cultura da prefeitura de Belo Horizonte, recebemos uma dotação de pesquisa para a publicação do livro *Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX. Compêndio de citações*, que deve ser lançado, no mais tardar, em 2018.

2) “Nos rastros das festas em Minas Gerais: as viagens de Saint-Hilaire dois séculos depois...”, desenvolvido entre 2008-2009.

A experiência de fazer uma etnografia histórica sob o modelo cartográfico, logo com um recorte eminentemente diacrônico, e a partir da ideia genial, diga-se de passagem, de Rafael Barros Gomes, ensejou o desejo de dar sequência a cartografia com uma verificação *in situ* e sincrônica do que havia acontecido com as festas relatadas pelos viajantes. Assim nasceu esse projeto.

Seu objetivo era o refazer dois séculos depois o itinerário das viagens de August Saint-Hilaire, criando um contraponto ao relato histórico produzido pelo naturalista francês através da observação sincrônica das festas religiosas celebradas nos locais por ele visitados e descritos, notadamente nas cidades históricas mineiras de Tiradentes e de São João del Rei.

Dele participaram como pesquisadores Marcos da Costa Martins, Rafael Barros Gomes, Ana Paula Lessa Belone, Júlia Goyatá, Denise Pimenta e Pedro Gondim Davis. De suas participações resultaram monografias de bacharelado em ciências sociais.

Desse projeto resultou também um filme etnográfico, *Bandeira, Reis, Presépio* (2009).

Cada um dos pesquisadores do projeto escreveu seu diário de campo, que a cada viagem de pesquisa era amplamente apresentado e discutido por todos em reuniões de trabalho, ou melhor

dizendo, em festas, feitas, geralmente, na cozinha de minha casa. Se eu ainda tiver fôlego, tenho a intenção de publicar, como livro, esses diários.

O projeto contou com auxílio financeiro do CNPq.

Antes de avançar quero deixar aqui o registro, que já fiz em meu memorial para obtenção do título de professor titular da UFMG (Perez, 2015a), a uma geração de alunos do Curso de Ciências Sociais, a grande maioria deles já citada neste texto, a quem sou profundamente devedora, no senso maussiano do tropo. Todos foram meus orientandos, alguns como bolsistas de iniciação, outros como orientandos de monografia, outros como orientando de mestrado, outros como orientandos de doutorado, participando ainda como pesquisadores em meus projetos de pesquisa.

Sobre esse grupo de alunos, talvez o mais apropriado fosse dizer confraria, Marcos da Costa Martins escreveu, com o brilhantismo que lhe é peculiar, evocando nossos encontros. “É nesta união de todos os momentos que a festa se coloca e como suprassumo do encontro, comer junto, e ainda mais que isso, preparar juntos o prato, fazer o brinde, deglutir as experiências, trazer para a mesa o tempo em que estivemos ausentes uns dos outros, partilhar o que encontramos enquanto caminhávamos sós. Assim ficamos satisfeitos com o ‘pandu’ cheio e a alma gorda de significações, porque minhas experiências e a dos meus amigos se fundem num prato só e são temperadas umas pelas outras. Saímos da mesa com mais um motivo para lembrar e para querer repetir” (Martins, 2013, p. 1, 2). Compartilhamento de vida em uma digesta de comida e de ideias. Dar-receber-retribuir.

Falei em confraria ao me referir a esse grupo de alunos pois, acredito em acreditar, que se trata das refrações maussianas e do princípio da reciprocidade, tal como no Colégio de Sociologia, uma de nossas fontes de inspiração, de um coletivo sobre o coletivo, que mais do que uma sociologia do sagrado, busca fazer, ligando experiência de vida e produção de conhecimento, uma sagrada sociologia do sagrado, logo da vida e, portanto, da amizade. Amizade no senso aristotélico-agambiano, isto é, com-sentimento do fato mesmo de existir. Como disse Aristóteles “para o amigo se deverá então com-sentir que ele existe e isso acontece no conviver e no ter em comum (*koinonein*) ações e pensamentos”, o que vale dizer que a “a amizade é, de fato, uma comunidade” (apud. Agamben, 2009, p. 86). A amizade, “mobiliza o vocabulário técnico da ontologia”, evidenciando a “equivalência entre ser e viver, entre sentir-se e sentir-se viver”, vale dizer que “a amizade é a instância desse com-sentimento da existência do amigo no sentimento da existência própria” (Agamben, 2009, p. 88, 89). Trata-se, assim, de uma ontopolítica da amizade, melhor dizendo, a amizade como ontopolítica, pois que “os amigos não dividem algo (um nascimento, uma lei, um lugar, um gosto): eles são com-divididos pela experiência da amizade. A amizade é, portanto, a divisão que precede toda divisão, porque aquilo

que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida. E é essa partilha sem objeto, esse *com-sentir* originário que constitui a política” (Agamben, 2009, p. 92).

Voltemos ao fio da meada dos projetos.

Até aqui, refiro-me ao desenvolvimento dos dois projetos antes mencionados, Portugal era apenas uma referência bibliográfica, mas cuja presença tornava-se cada vez mais impositiva, diria mesmo incontornável. Tornou-se imperiosa necessidade de conhecer *in situ* Portugal.

É dessa imposição que começam minhas relações com o ISCTE-IUL, *par truchement* da professora Graça Índias Cordeiro, quando em 2008, ela proferiu a conferência de encerramento do II Colóquio Festas e sociabilidades: comparações luso-brasileiras, apontando para a urgência da expansão do diálogo Portugal-Brasil, para a delicadeza e a complexidade da perspectiva comparativa, para importância do diálogo entre antropologia e história com vistas a uma compreensão mais profunda do tema em pauta.

Mostrou que mais do que uma tarefa a ser cumprida tratava-se de um desafio a ser perseguido. Assim, meu primeiro projeto envolvendo um diálogo entre Brasil e Portugal, pelo compartilhamento de olhares, foi uma espécie de declaração de aceite ao desafio proposto por Graça Índias Cordeiro.

Vejamos então os projetos que colocam Brasil e Portugal em relação, como foram se construindo os olhares compartilhados.

1) “Festa, religião e cidade lá e cá: incursão às nossas matrizes/heranças lusitanas”, desenvolvido entre 2009 e 2013.

Para seu desenvolvimento contei, entre 2009-2010, com uma de bolsa de Estágio Sênior no exterior da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), tendo a professora Graça Índias Cordeiro sido minha supervisora.

Foi com esse projeto que pude introduzir em meu campo de atuação a perspectiva internacional, ao tomar como material de reflexão as festas religiosas urbanas do catolicismo português, notadamente as de sua vertente popular, com destaque para o ciclo da Paixão e Ressurreição (Semana Santa, com destaque para as procissões).

Ele me é particularmente caro, pois não somente oportunizou-me ter tido uma experiência intelectual e humana transformadora durante o ano em que vivi em Lisboa, com minha filha Helena, aí incluindo o acolhimento do ISCTE-IUL, particularmente da professora Graça Índias Cordeiro, que ajudou-me imenso a pensar as relações entre a cidade e suas festas, como também por ter sido ele, obviamente que a meu modo e a minha competência, um modo de dar seguimento, em seu re-trilhar, o

veio aberto pelo mestre Pierre Sanchis. Continuidade nas atenções destacadas, mesmo que em densidades outras, tratando nos mesmos níveis, ainda que distintamente articulados, temas e questões fundamentais da tríade festa, religião e cidade, buscando localizar e compreender traços culturais, sociológicos e hi[e]stóricos que, na dupla articulação entre evento e estrutura, caracterizam nossos (brasileiros e portugueses) modos de viver a experiência humana em coletividade³.

A permanência de um ano em Lisboa, minha *Felicitas Julia*, possibilitou-me a realização de intenso trabalho de campo, a produção de textos e a re-leitura de alguns de meus textos, mas com um sabor de leitura localmente interessada, o que foi decisivo para ampliar o alcance heurístico do meu argumento seja no que diz respeito ao Brasil, seja quanto a Portugal e sobre as relações entre os dois países, reavivando brumas de memória, oportunizando-me lá escrever meu primeiro livro solo, anteriormente referido, *Festa, religião e cidade. Corpo e alma do Brasil*.

Como disse em sua introdução: “Foi bonita a festa, pá, fiquei contente!” (Perez, 2011, p. 31).

Foi nesse período que apresentei o *workshop* mencionado no começo, no qual apresentei os primeiros resultados da pesquisa. Esse texto me é particularmente caro pois que nele estabeleci uma aproximação epistêmica entre passos de pesquisa e passos de procissão – o texto mesmo estruturado na forma de passos, tomando como mote os passos de uma procissão – argumentando que “ambas as atividades, ainda que situando-se em planos de referência e de experiência distintos, um no da ciência a outro na do transcendente, ou seja, uma na do profano real e a outra na do sagrado mistério, baseiam-se em sequências ordenadas e sistemáticas de deslocamento, com necessário investimento corporal, implicando sempre um percorrer caminhos, avançando em busca de algo e acreditando em algo, na procura de um encontro. Fé na procissão, conhecimento na pesquisa, mas em ambas o gesto fundamental é o da relação, daquilo que liga, do que faz corpo”. Fazer corpo que denominei de fazer corpo na duração. Postulo que outro elemento epistêmico comum entre procissão e pesquisa “é que ambas demandam/solicitam participação, como um ato simultaneamente de envolvimento afetivo e de conhecimento epistemológico. Participação que, em ambas as atividades, para além das sequências delimitadas que configuram sua estrutura formal, e que se epifanizam seja no projeto de pesquisa e no

³ Hi[e]stória é um grafismo que inventei “para ressaltar o *double bind* que o tropo comporta e solicita como fato e artefato histórico, como evento e acontecimento socioantropológico, como real factual e construção imaginária e/ou discursiva”, pois assim posso articular no mesmo tropo as três confluências disciplinares em que minha atuação se situa, sociologia, história e antropologia. Um tropo seminal em minha reflexão é o de *double bind* [duplo vínculo] “proposto por Gregory Bateson em 1956”, para referir-se “à existência de injunções paradoxais [aporéticas], dupla postulação”. Uso-o em sua acepção derridiana, que “remete ao senso mesmo da diferença e da indeterminação no que tange à solução e ao fechamento de uma questão de pensamento, em uma só palavra: indecidibilidade” (Perez, 2011, p. 23).

seu produto final, seja no ritual, intervém o elemento da surpresa, do acaso, do inesperado, que reenvia, por sua vez, à imaginação criadora, à fantasia, eventualmente, à invenção”, para cuja exploração metodológica vali-me das noções de *alpondras* e de *serendipity*s (Perez, 2010, p. 3).

Foi durante o ano de minha estadia em Lisboa que foi firmado o convênio de intercâmbio e de cooperação entre o ISCTE-IUL e a UFMG.

2) “Festa, religião e cidade: interfaces e modulações luso-brasileiras” surgiu, em 2014, como desdobramento do primeiro projeto.

Ele faz parte do plano de trabalho do convênio de cooperação entre o ISCTE-IUL e a UFMG.

É ele que me trouxe agora a Portugal, graças a concessão de auxílio financeiro e de bolsa de produtividade do CNPq; de dotação de bolsa de apoio técnico à pesquisa do CNPq, de que Rudney Avelino de Castro, autor do *power point* desta apresentação, é o beneficiado.

Conta também com o auxílio financeiro da Diretoria de Relações Internacionais da UFMG através do Programa de Apoio a Projetos de Pesquisa de Cooperação Internacional/PAPCI-2016.

Graças a ele, abençoado seja para todo o sempre, realizo, entre 2016 e 2017, residência no Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da UFMG, que me libera um ano de toda e qualquer atividade na universidade para dedicar-me integralmente à pesquisa.

Dele participam os seguintes pesquisadores do CER-Pierre Sanchis: Rudney Avelino de Castro, Ana Paula Lessa Belone, Marcos da Costa Martins e Cristiane Nery.

Enquanto proposta de investigação, o projeto não constitui nenhuma novidade/ineditismo, tão a gosto hoje no mundo intelectual, vez que se propõe retrilhar caminhos já percorridos, mas quer fazer de um outro modo, com intuito de repensar a questão fundamental proposta por Roberto DaMatta, o que faz o Brasil, Brasil, revisitando o tema de nossas heranças portuguesas. Para tanto, e parafraseando Lilia Schwarz, “nada melhor do que tomar a festa como objeto, a festa que não é senão uma forma sintética de reflexão sobre a vida” (2001: 69). Assim, o objetivo central do projeto é de fundo teórico, histórico e etnográfico, tentando ousar enfrentar, mais uma vez, o desafio de um mergulho (pela via da literatura histórica e etnográfica brasileira e portuguesa, associada ao clássico trabalho de campo e de arquivo, na riqueza e na multiplicidade do multiverso festivo brasileiro e português, com destaque para o ciclo da Paixão/Ressurreição, com ênfase nas formas processionais dessas celebrações, notadamente para as procissões da Semana Santa, particularmente para a procissão dos Passos, mais particularmente ainda a Procissão do

Senhor dos Passos da Graça, promovida em conjunto pela Real Irmandade da Santa Cruz e Passos da Graça e pela Irmandade da Misericórdia de São Roque de Lisboa.

O destaque dado a essas modalidades festivas relaciona-se ao fato de que elas se colocam em linha direta com algumas das mais salientes características do catolicismo popular: devoção e culto aos santos, procissões e festejos públicos, celebrações centradas no vínculo comunitário. Além disso, são modalidades festivas antigas, que remontam à longa duração nos dois países e ainda hoje são celebradas, constituindo-se em manifestações festivas tipicamente urbanas, que modificam o panorama das cidades onde se realizando. Abrem importantes veios de investigação e campos de diálogo entre Brasil e Portugal.

O trabalho de campo está sendo realizado em Minas Gerais, nas cidades de Ouro Preto, de Tiradentes, Sabará e de São João del Rei, e em Lisboa, cidades onde essas festas têm historicamente relevo especial, sendo hoje importantes atrativos turísticos.

Antes de compartilhar com vocês algumas questões teórico-metodológicas que o desenvolvimento desses projetos ensejaram, é boa hora de falar sobre o trabalho conjunto desenvolvido entre o ISCTE-IUL e a UFMG, sempre ao abrigo do CIES e do CER-Pierre Sanchis.

O convénio foi celebrado em 2010, tendo na professora Graça Índias Cordeiro a representante portuguesa e em mim, a brasileira.

Ele já oportunizou a vinda para o ISCTE-IUL de vários alunos da graduação em ciências sociais, e de outros cursos, da UFMG. Lamentavelmente, nas ciências sociais, não tenho conhecimento da ida de nenhum aluno do ISCTE-IUL.

Em seus quadros ocorreu:

1) a organização conjunta entre o CER-Pierre Sanchis e o CIES do III Colóquio Festas e Socialidades, ocorrido entre 31 de agosto a 02 de setembro de 2011, na UFMG.

Graça e eu fomos as coordenadoras do evento, que contou com Ana Paula Lessa Belone na secretaria-geral.

Ele teve apoio financeiro da FAPEMIG, do CIES, do Programa de Pós-graduação em Sociologia/UFMG, da Diretoria da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFMG e da Diretoria das Relações Internacionais/UFMG.

O colóquio tinha como objetivo geral dar continuidade ao trabalho iniciado nos dois colóquios já realizados (o primeiro, em 2006, na Universidade Federal de Sergipe/UFS, coordenado pela professora Eufrazia Cristina Menezes Santos e o segundo, em 2008, na

Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, sob a coordenação da professora Luciana de Oliveira Chianca).

Visava, como pano de fundo, ampliar o espectro de discussão, pela introdução da vertente internacional, sob a forma de colaboração conjunta na organização do evento e na perspectiva de ampliação do diálogo acadêmico entre Brasil e Portugal, num campo de pesquisa em que ambos os países têm férteis manifestações e uma sólida tradição de trabalho, mas cujo diálogo e cuja troca são, lamentavelmente, ainda relativamente modestos.

Seu objetivo específico era o de oportunizar um espaço de troca generalizada entre pesquisadores de diferentes áreas (sociologia, antropologia, história, comunicação social, turismo, educação física, lazer, etc.) que estudam o fenómeno festivo em suas múltiplas dimensões e articulações com as diferentes formas de viver a experiência humana em coletividade.

Dele participaram, num total de quarenta, instituições universitárias públicas e privadas do Brasil, de Portugal e da França. Foram inscritos 103 trabalhos para as sessões temáticas, dos quais 90 foram efetivamente apresentados.

Sua conferência de abertura, “O intrigante calendário entre dois hemisférios”, foi proferida pelo professor Joaquim Pais de Brito, então diretor do Museu de Etnologia de Portugal. Obviamente que em se tratando de um evento que colocava em diálogo Brasil e Portugal, aconteceu uma mesa redonda em homenagem a Pierre Sanchis, “Festas e socialidades: diálogo Brasil-Portugal”, que contou com a participação de Joaquim Pais de Brito, de Graça Índias Cordeiro e de Ana Lúcia Modesto, professora do Departamento de Sociologia da UFMG

Em 2015, foram publicados seus anais, organizados por Graça Índias Cordeiro, Ana Paula Lessa Belone e por mim. Eles se encontram disponíveis em <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/8453>.

Nestes Anais quero destacar os seguintes textos, pois que tratam diretamente das relações entre Brasil e Portugal, e que também se relacionam diretamente ao trabalho desenvolvido pelo convénio, a saber:

- “Notas sobre o texto da Conferência de abertura do professor Joaquim Pais de Brito: o intrigante calendário entre dois hemisférios”, de Ana Paula Lessa Belone (2015), que reproduz longos trechos e retrata o argumento desenvolvido pelo professor na conferência.

- “O arraial, festa da rua e da cidade”, de Graça Índias Cordeiro, que nos re-lembra que *Arraial: festa de um povo. As romarias portuguesas* (1983), de Pierre Sanchis “é o terceiro volume da colecção de Antropologia, Portugal de Perto, criada e dirigida por Joaquim Pais de Brito, na prestigiada editora Dom Quixote” (2015: 19).

Declara ela a importância pessoal de *Arraial* em seu próprio trabalho: “Hoje não tenho a menor dúvida que a sua leitura foi fundamental para a minha investigação nas pistas que me sugeriu de análise e de compreensão das festas populares que em Junho enchem alguns dos bairros da cidade de Lisboa, nomeadamente ao nível dos arraiais que, na minha pesquisa sobre a construção de identidades territoriais urbanas, eram uma peça fundamental. Mas não foram apenas as pistas teóricas e metodológicas na análise do arraial português que inspiraram o meu próprio olhar; foi também a sua ligação ao terreno, um terreno estrangeiro para ele, e o modo como ele entrou nos meandros da sociedade portuguesa e soube captar as nuances dos vários significados locais das práticas festivas, suas representações e conceitos. Tal forma de pesquisar, incluindo a sua restituição em forma de monografia ao ‘povo’ português, foi uma aprendizagem e um modelo para mim; hoje, valorizo como nunca a sua originalidade, sentido ético e excelência da sua escrita” (Cordeiro, 2015, p. 20).

- “Festa e performance em espaço público: tomar a rua!”, de Paulo Raposo, que explora, por via do carácter festivo da performance em espaço público, os ambíguos sentidos e desígnios para ‘novos espaços’ de democratização e de indignação que se multiplicam pelo mundo, um rastilho incendiário espalha-se pelas praças, pelas ruas, pelos bairros reclamando o espaço público”, nos fazendo navegar pelo Cairo, por Lisboa, por Madrid, por Atenas, por Barcelona (Raposo, 2015, p. 284).

- “‘A festa cá nos chama’: fé, emigração e retorno em uma aldeia camponesa do nordeste português”, de Weslei Estradiote Rodrigues (2015), que enfoca as festas em Vilas Boas, aldeia do concelho de Vila Flor, distrito de Bragança.

- “De Duvignaud às procissões lisboetas: a festa para além da festa”, meu texto, no qual a partir da minha experiência de campo em Lisboa, com as procissões do Senhor dos Passos, desenvolvo o argumento do sociólogo francês, segundo o qual a festa é muito mais do que a festa, partilhando algumas impressões sobre a festa para além da festa, evocadas/solicitadas por um mergulho seletivo em profundidade amorosa, em algumas celebrações da Semana Santa em Lisboa, notadamente a procissão dos Passos. A primeira celebração que assisti foi uma procissão dos Passos da Irmandade do Senhor dos Passos de Santos-o-Novo da Ordem Militar de São Tiago e Espada, realizada no recolhimento de Santos-o-Novo, que pertence às Comendadeiras de Santos, e da procissão dos Passos das igrejas de Santo Estêvão e de São Miguel, em Alfama. Como disse: “O que experienciei nessas procissões foi a dramatização da paixão e da fé, da vida como paixão e como fé. Trata-se bela e bem de uma procissão do amor, sobre o amor e feita com amor, sobre um encontro amoroso, íntimo e grave, como deve ser todo encontro amoroso, que faz jus ao nome. Encontro de cada um dos participantes com o encontro de amor entre a mãe e seu filho. Um encontro de amor

sobre/com um encontro de amor. Encontro de amor individual, evidentemente, mas que somente se realiza quando é experimentado/vivido coletivamente” (Perez, 2015b, p. 67, 68). Uma versão francesa desse texto foi publicado, em 2015, na revista *Anamnèse* (Perez, 2015c).

Ainda sobre o III colóquio Festas e socialidades é digno de registo que uma de suas sessões temáticas, denominada A festa, pensamento de Jean Duvignaud, e outros pensamentos, coordenada pelos professores Roberto Motta (Universidade Estadual da Paraíba/UEPB) e Claude Ravelet (*Groupe de Recherches Socioanthropologie du Symbolique/Université de Caen/França*), e como desdobramento do colóquio deu origem, em 2015, ao número 9 da revista *Anamnèse*, dedicado a Jean Duvignaud, onde foram publicados os textos da sessão temática.

2) Coordenação, em conjunto entre Frédéric Vidal, Marcos da Costa Martins e eu, do grupo de trabalho Patrimônio imaterial, Celebrações Religiosas e políticas públicas, no 1.º Congresso da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa, que teve lugar em Lisboa, entre 01 a 05 de fevereiro de 2015.

3) Reunião de trabalho com o Magnífico Reitor do ISCTE-IUL, professor Doutor Luís Reto, a professora Graça Índias Cordeiro e eu, em 06 de fevereiro de 2015, durante a qual foi feito um balanço do convénio e traçadas estratégias para sua continuidade e aprofundamento.

4) A participação do professor Frédéric Vidal, como membro examinador da tese de doutoramento em sociologia de Marcos da Costa Martins (2016), “Da conversão do exótico: viagens, festas e relatos no século XVI”, defendida em 25 de fevereiro de 2016.

Feito esse quadro geral dos trabalhos desenvolvidos, quero agora explorar, algumas questões teórico-metodológicas ensejadas pelos projetos.

Uma primeira consideração teórico-metodológica que se impõe numa *démarche* de pesquisa que ser comparativa (Brasil e Portugal) é pontuar a congruência de tal empreendimento.

Quero pontuar que na *démarche* aqui proposta, Portugal e Brasil não são uma coisa só. Longe de mim fazer o discurso do colonizado e/ou o da descolonização, que, ao fim e ao cabo, resultam nos mesmos equívocos epistémicos, de afirmar e/ou negar uma suposta identidade originária.

Trata-se de uma relação de proveniência, a qual, usando a bela metáfora de Pierre Sanchis, é prene de “influências e metamorfoses”, relação na qual a história lá é

“trampolim”, cá é “seta”, logo o tempo das origens é sempre uma “projeção sociogenética”, pois trata-se sempre e inexoravelmente de “tradição de um passado que se deixou” e “a ambição de um ‘país do futuro’” (Sanchis, 1997b, p. 5, 6).

Meu ponto de partida é o de que nossas, as brasileiras, festas e nossas procissões religiosas são refrações e modulações singulares do que se pode chamar de “padrão ibérico festivo gestado ao longo da história moderna portuguesa”, padrão esse que “conforma-se através do caráter prescritivo das festividades, organizadas consoante regras definidas pelo poder régio”, consistindo um “processo de configuração desde o reinado de D. Afonso IV (1445-1481), delineando-se melhor com D. João V (1707-1750) (Santiago, 2001, p. 18).

Tal padrão festivo atua de modo, a fazer corpo na duração do fazer corpo (Perez, 2013). Esse é o ponto teórico que quero chamar a atenção.

Argumento que fazer corpo na duração do fazer corpo pode ser tomada como uma espécie de fórmula de apreensão das procissões, no geral, e em Portugal no particular. Duração porque remetem a uma hi[e]stória longa de séculos e séculos.

Fazer corpo porque operar ligações é seu intento e feito fundamental. Como aplicada maussiana que sou, sigo o mestre que sempre dizia que a questão fundamental das ciências sociais era entender a sociedade e a sociedade é aquilo que faz corpo. Sociedade, no plano institucional e normativo, é corpo constituído por regras e por práticas, que só fazem senso se demandarem e gerarem emoções e sentimentos epifanizados nos corpos de seus membros. Falo em fazer corpo também porque uma procissão é um cortejo de corpos individuais, marchando corpo a corpo, criando um corpo coletivo. Corpos em desfile, constituindo um corpo processional. Um corpo constituído a partir de vários corpos, que se ligam por sentimentos e por emoções comuns. Um corpo emocional, comunidade emocional em termos weberianos, dir-se-ia. Uma corporação: corpo/coração em ação. Corpo-r-ação/Cor-p-ação.

Faz corpo também porque em se tratando de procissão do catolicismo, não se pode desconsiderar que esta religião, como bem nota Manuel Clemente, desde seu começo, “se ligou à corporização (incarnação) da Palavra divina (Verbo, Logos) e ao sinal deste mesmo corpo oferecido por todos como alimento perpétuo que assimila a si os que o recebem, fazendo de todos eles um só corpo também” (Clemente, 2006, p. 223).

Corpo posto e repostos a cada rememoração do célebre trecho do Evangelho segundo São João: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio Dele, e sem Dele e sem Ele nada do que foi feito se fez. *E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de*

graça e de verdade, e vimos a Sua glória, como a glória do unigênito do Pai” (1, 1-14, grifos meus).

Igualmente trecho de São Paulo na Primeira Carta aos Coríntios: “Eu recebi do Senhor o que também vos transmiti. O Senhor Jesus na noite em que era entregue, tomou o pão e, tendo graças, partiu-o e disse: *‘Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isso em memória de mim’*. Do mesmo modo, depois da ceia, tomou o cálice disse: *‘Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; fazei isto sempre que o beberdes, em memória de mim’*. Porque, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha” (1 Cor 11, 23-24, grifos meus).

Os apóstolos estão-nos a re-lembrar que quem adere ao Senhor, faz-se um corpo espiritual com Ele pela participação de um mesmo pão eucarístico, mesmo pão que faz de todos que dele ingerem um só corpo, base da doutrina paulina da igreja como Corpo de Cristo. Comentando a noção de participação em Marcel Mauss diz Catherine Backès-Clément: “A participação não é somente uma confusão. Ela supõe um esforço para confundir e um esforço para juntar; existe desde a origem a vontade de ligar” (Backès-Clément, 1990, p. 63).

Aqui atingimos o núcleo duro do fundamento, isto é, o *corpus* mítico-místico-ideológico do cristianismo: um deus que se faz corpo (*kenosis*) e que dá seu corpo em sacrifício (dádiva oblativa de si) para a salvação da humanidade, para sua redenção.

Uma segunda consideração diz respeito ao que, na falta de expressão melhor, chamo de natureza e de função da cidade e de sua relação com a religião, notadamente com as procissões, logo, com festa, que é assim expresso por Lewis Mumford: “antes mesmo que a cidade seja um lugar de residência fixa, começa como um ponto de encontro onde periodicamente as pessoas voltam”. Para o autor, “essa faculdade de atrair os não-residentes para o intercuro e o estímulo espiritual, não menos do que para o comércio, continua sendo um dos critérios essenciais da cidade, testemunho de seu dinamismo inerente” (Mumford, 1991, p. 16).

Vale dizer, portanto, e isso é crucial em meu argumento da coimplicação genealógica e estrutural entre festa, religião e cidade, que, para Mumford, “o primeiro germe da cidade é, pois o ponto de encontro cerimonial, que serve de meta para a peregrinação; sítio ao qual a família ou os grupos de clã são atraídos, a intervalos determinados e regulares, por concentrar, além de quaisquer vantagens naturais que possa ter, certas faculdades ‘espirituais’ ou sobrenaturais, faculdades de potência mais elevada e maior duração, de significado cósmico mais amplo do que os processos ordinários da vida” (Mumford, 1991, p. 16). Em suma, para o historiador, o

que reforça meu argumento do fazer corpo: “a chave da cidade visível acha-se no cortejo em movimento ou na procissão religiosa que corre pelas ruas e lugares antes de finalmente desembocar na igreja ou catedral, para a própria grande cerimônia” (Mumford, 1991, p. 303).

Discutindo as relações das festas dos santos populares em Lisboa com a cidade, particularmente com seu urbanismo, Graça Índias Cordeiro pontua, na mesma direção apontada por Mumford, colocando água no meu moinho, que é “incontestável a relação do urbanismo medieval com o cortejo” (Cordeiro, 2010, p. 108).

Quero enfatizar, portanto, que a cidade é fundamentalmente *res publica*, tecida e retecida e vivida nos cortejos e nas procissões, ou seja, nos corpos em desfile no espaço público, no corpo fazendo corpo na duração do fazer corpo.

Ainda sobre relação entre festa, religião e cidade, mais especificamente ainda no que diz respeito à relação seminal que as três mantêm com o espaço físico-geográfico e com a memória, aciono Maurice Halbwachs quando ele diz que os objetos materiais oferecem uma imagem de permanência e estabilidade, “são em torno de nós como uma sociedade muda e imóvel”, oferecendo-nos “uma imagem de permanência e de estabilidade” (Halbwachs, 1968, p. 130, 132). A “impassibilidade da pedra” contrasta com a agitação efervescente e tumultuada da cidade. “Se, entre as casas, as ruas, e os grupos de seus habitantes, não houvesse senão uma relação inteiramente acidental, e de curta duração, os homens poderiam destruir suas casas, seu bairro, sua cidade, reconstruindo sobre o mesmo lugar uma outra, segundo um plano diferente” (Id., p. 137). Todavia, nos adverte, e isso é fundamental para a minha *démarche*: “se as pedras se deixam transportar, não é tão fácil modificar as relações que são estabelecidas entre as pedras e os homens”, uma vez que “quando um grupo humano vive muito tempo em lugar adaptado a seus hábitos, não somente os seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens que lhe representam os objetos exteriores” (Ibd., p. 137). Vale dizer que os grupos tomam forma, fazem corpo, “dentro de um arranjo material, ou seja, numa coisa, e a força da tradição local lhe veio da coisa, da qual era a imagem”, tanto é verdade que “os grupos imitam a passividade da matéria inerte” (Halbwachs, 1968, p. 137).

Em suma, com essa segunda consideração teórico-metodológica quero pontuar que através de festas religiosas em meio urbano podemos discernir um “modo de organização da vida coletiva a partir de um espaço qualificado e qualificante” (Coornaert, 1985, p. 150). E que, tal como nos ensina Halbwachs, nossa memória, que compõe nossos quadros coletivos de existência, continua tanto quanto os lugares se conservam (Halbwachs, 1968, p. 161).

Quero terminar essa já longa fala com uma última consideração sobre importância de articular história e etnografia em estudos sobre festa, religião e cidade. Graças Índias Cordeiro, em seu estudo das festas em Lisboa, diz que a “perspectiva histórica nasceu do interior mesmo da própria dimensão etnográfica e constitui-se como uma fatia importante deste presente”, uma vez que em se tratando de festa e bairro estamos diante de coisas como enraizamento populacional e estabilidade residencial ao longo de várias gerações e continuidade de certas práticas festivas. Um ponto fundamental por ela levantado em relação ao recurso diacrónico em uma pesquisa no presente etnográfico diz respeito ao que denomina de “análise histórica da unidade forma da festa, propriamente dita” por intermédio da qual se pode “aceder, não só às maneiras como a festa existiu no passado e evoluiu até os dias de hoje, como, sobretudo, perceber o modo como o presente destas festas se constrói explicitamente sobre um passado que se renova na sua recordação, legitimador da ação da coesão grupal” (Cordeiro, 1997, p. 31).

O resto, de resto, é sempre festa, religião e cidade.

Muito obrigada.

Referências bibliográficas

- Agamben, Giorgio (2009), *O Que é Ser Contemporâneo? E Outros Ensaio*s, Chapecó, Argos.
- Backès-Clément, Catherine (1990), “Le mauvais sujet”, *L'Arc* Marcel Mauss, Paris, Librarie Duponchelle.
- Bakhtine, Mikhail (1990), *L'Oeuvre de François Rabelais et la Culture Populaire au Moyen Age et Sous la Renaissance*, Paris, Gallimard.
- Claude Lévi-Strauss (1981), *Tristes Trópicos*, Lisboa, Edições 70.
- Clemente, Manuel (2006), “A festa do ‘Corpo de Deus’ no passado nacional e torriense”, em Silva, Carlos Guardado da (Coord.), *História das Festas*, Lisboa, Edições Colibri/Câmara Municipal de Torres Vedras/Universidade de Lisboa.
- Coornaert, Monique (1985), “Le local. Nouvelle figure de la vie urbaine et sociale?“, em Boudan, Alain et al (org.), *Figures de la Ville. Autour de Max Weber*, Paris, Aubier.
- Cordeiro, Graça Índias (1997), *Um Lugar na Cidade. Quotidiano, Memória e Representação no Bairro da Bica*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Cordeiro, Graça Índias (2010), *As Festas dos Santos Populares em Lisboa. Elementos para a Sua História*, Lisboa.

- Cordeiro, Graça Índias (2015), “O arraial, festa da rua e da cidade”, em Perez, Léa Freitas, Cordeiro, Graça Índias Cordeiro e Belone, Ana Paula Lessa (org.) Anais do III Colóquio Festas e Socialidades. Lisboa, ISCTE-IUL. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/8453>
- Debates do NER 2001, (n. 2).
- Halbwachs, Maurice (1968), *La Mémoire Collective*, Paris, PUF.
- Lessa Belone, Ana Paula (2015), “Notas sobre o texto da conferência de abertura do professor Joaquim Pais de Brito: O intrigante calendário entre dois hemisférios” em Perez, Léa Freitas, Cordeiro, Graça Índias Cordeiro e Belone, Ana Paula Lessa (org.), Anais do III Colóquio Festas e Socialidades, Lisboa, ISCTE-IUL. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/8453>
- Martins, Marcos da Costa (2013), “A sinestesia dos banquetes: experiência etnográfica ou de como o pesquisador é comido e aprende pelo que come”, Texto apresentado nas XVII Jornadas sobre alternativas religiosas na América Latina, Porto Alegre, UFRGS.
- Martins, Marcos da Costa (2016), “Da conversão do exótico, viagens, festas e relatos no Século XVI”, Tese de doutoramento em Sociologia, Belo Horizonte, UFMG.
- Mauss, Marcel (1977), *Ensaio Sobre a Dádiva: Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas*. Sociologia e Antropologia, v. II, São Paulo, EPU.
- Mumford, Lewis (1991), *A Cidade na História. Suas Origens, Transformações e Perspectivas*, São Paulo, Martins Fontes.
- Perez, Léa Freitas (2010), “Passos de uma pesquisa nos passos das procissões lisboetas” Lisboa, CIES e-Working Paper n.º 101/2010 <http://www.cies.iscte.pt/wp.jsp>
- Perez, Léa Freitas (2011), *Festa, Religião e Cidade. Corpo e Alma do Brasil*, Porto Alegre, Medianiz.
- Perez, Léa Freitas (2013), “Fazer corpo na duração do fazer corpo”, *Revista de Ciências Sociais*, 44(2), pp. 150-166.
- Perez, Léa Freitas (2015a), “Retrospectiva em perspectiva de uma trajetória e de uma carreira: um calendário”, *Memorial de Professor Titular*, Belo Horizonte, UFMG.
- Perez, Léa Freitas (2015b), “De Duvignaud às procissões lisboetas: a festa para além da festa”, em Perez, Léa Freitas; Cordeiro, Graça Índias Cordeiro e Belone, Ana Paula Lessa (org.), Anais do III Colóquio Festas e Socialidades, Lisboa, ISCTE-IUL. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/8453>
- Perez, Léa Freitas (2015c), “De Duvignaud aux processions à Lisbonne: fête au-delà de la fête”, *Anamnèse* (9), pp. 9-16.
- Perez, Léa Freitas (2016), *Viagens Textuais. Da Escritura da Experiência na Experiência da Escritura*, Porto Alegre, Medianiz.

- Perez, Léa Freitas; Tavares, Fátima e Camurça, Marcelo (orgs.) (2009), *Ser Jovem em Minas Gerais. Religião, Cultura e Política*, Belo Horizonte, Argvmentvm.
- Raposo, Paulo (2015), “Festa e performance em espaço público: tomar a rua!”, em Perez, Léa Freitas; Cordeiro, Graça Índias Cordeiro e Belone, Ana Paula Lessa (orgs.), *Anais do III Colóquio Festas e Socialidades*, Lisboa, ISCTE-IUL. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/8453>
- Rodrigues, Weslei Estradiote (2015), “‘A festa cá nos chama’: fé, emigração e retorno em uma aldeia camponesa do nordeste português”, Perez, Léa Freitas; Cordeiro, Graça Índias Cordeiro e Belone, Ana Paula Lessa (orgs.), *Anais do III Colóquio Festas e Socialidades*, Lisboa, ISCTE-IUL. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/8453>
- Sahlins, Marshall (1994), *Ilhas de História*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores.
- Sanchis, Pierre (1983), *Arraial, Festa de um Povo. As Romarias Portuguesas*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Sanchis, Pierre (1997a), *Arraial, la Fête d'un Peuple. Les Pèlerinages Populaires au Portugal*, Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- Sanchis, Pierre (1997b), “As religiões dos brasileiros”, *Horizonte* (1) 2, pp. 28-43.
- Santiago, Camila Fernanda Guimarães (2001), “As festas promovidas pelo Senado da Câmara de Vila Rica (1711-1744)”, *Dissertação de Mestrado em História*, Belo Horizonte, UFMG.
- Schwarz, Lilia Moritz (2001), “Viajantes em meio ao Império das festas”, em Jancsó, Istvan e Kantor, Íris (orgs.), *Festa. Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*, v. II, São Paulo, Hucitec/Editora da USP/FAPESP/Imprensa Oficial.